

## “A POESIA É A TÔNICA DE TUDO QUE ESCREVO”

Marcella Maria Leite Sá (UNEB)  
[marcella.leitesa@gmail.com](mailto:marcella.leitesa@gmail.com)

### RESUMO

“A história do amor de Fernando e Isaura” é o primeiro romance de Ariano Suassuna; a obra foi produzida em 1956; a primeira publicação é de 1994 e não é muito conhecida pelo leitor e pela crítica. Trata-se da única produção de Suassuna que não tematiza o Sertão e a Paraíba e é caracterizada como uma versão brasileira da lenda celta discutida em “O Romance de Tristão e Isolda”, de Joseph Bédier. Intenta-se observar a presença e o entrecruzamento da produção lírica do autor na feitura dessa narrativa primeira. Para tanto, toma-se o sentido de poesia – categoria anímica e espiritual e condição subjacente na totalidade da produção de Suassuna –, como mais um operador para a análise comparativa estabelecida entre sua poesia e seu romance primeiro.

#### Palavras-chave:

Poesia. Ariano Suassuna. Literatura brasileira.

### ABSTRACT

The love story of Fernando and Isaura is the first novel by Ariano Suassuna, the work was produced in 1956, the first publication is in 1994 and is not well known by readers and critics. It is the only production by Suassuna that does not focus on Sertão and Paraíba and is characterized as a Brazilian version of the Celtic legend discussed in *O Romance de Tristão e Isolda*, by Joseph Bédier. It is intended to observe the presence and intertwining of the author's lyrical production in the making of this first narrative. To do so, the meaning of poetry – soulful and spiritual category and underlying condition in the totality of Suassuna's production – is taken as one more operator for the comparative analysis established between his poetry and his first novel.

#### Keywords

Liric. Ariano Suassuna. Brazilian literature.

### 1. Introdução

A forte presença de Federico García Lorca, dramaturgo e poeta hispânico, nascido em 1898 e falecido em 1936, nas obras de Suassuna alicerça dois dos principais gêneros das produções do paraibano, a poesia e a dramaturgia. Essa influência ocorreu por meio do romancista ibérico, o qual apareceu tantas outras vezes na obra de Suassuna. Esse romancista desencadeia em Suassuna um tom de familiaridade com o romancista popular nordestino, com o qual se estabelece contato desde a mais tenra idade no sertão paraibano.

A lírica era, sem dúvida, a categoria preferida de Suassuna, que não gostava de poemas óbvios, conforme ele afirma em entrevista a Salazar (2010):

O resultado é que conheço poucos poetas franceses, que são poetas mesmo, pois na maioria são prosadores metrificados e rimados. A poesia do francês parece prosa, com aquela precisão e aquela clareza, e eu só gosto de poesia obscura, não gosto de poesia clara, mas da poesia obscura, cheia de metáforas e de imagens. (SALAZAR, 2010, p. 162)

Para os leitores mais atentos e conhecedores da obra de Suassuna, fica evidente a influência que a poesia exerceu sobre toda a sua produção. Porém, as publicações das obras do poeta no gênero poema foram bastante reduzidas.

O cansaço de uma sociedade não implica necessariamente a extinção das artes nem provoca o silêncio do poeta. O mais provável é que ocorra o contrário: suscita o aparecimento de poetas e obras solitárias. Cada vez que surge grande poeta hermético ou movimentos de poesia em rebelião contra os valores de uma sociedade determinada, deve-se suspeitar de que essa sociedade, não a poesia, padece de males incuráveis. (PAZ *apud* NEWTON JÚNIOR, 2000, p. 130)

Poucos são os estudos acerca da obra poética suassuniana, por isso, o professor Carlos Newton Júnior, estudioso da obra de Ariano Suassuna, há mais de trinta anos, na sua dissertação de Mestrado, intitulada *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna* (1999), chamava atenção para tal poesia, inclusive sobre o fato de a crítica e o público desconhecem os poemas de Suassuna, não lhes dando a devida atenção. Mais 20 anos após esse estudo no qual o professor já alertava para a amplitude da poesia de Ariano, pouco se avançou nesse sentido, fazendo com que este viés da sua obra ainda se encontre distante de levar os leitores da atualidade a associarem o contato com poemas a Ariano Suassuna, no entanto muito já se falou da popularidade do texto teatral do autor.

Newton Júnior menciona ainda a importância da realização de estudos que se debrucem sobre os poemas de Suassuna a fim de que tais textos não caiam no esquecimento e/ou desconhecimento. Tal preocupação ocorre devido à importância que os poemas e também a poesia assumem perante todas as produções suassunianas, como é possível ler no primeiro período que inicia a introdução na qual o autor da dissertação reafirma a declaração de Suassuna: “A poesia é a fonte profunda de tudo o que ele escreve.” (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 11). Tal afirmação demonstra a importância da lírica para a vida literária do escritor e que pode ser comprovada pelas palavras do próprio Suassuna:

O Ariano Suassuna poeta [...] é tão desconhecido como qualquer autor estreatante [...]. Ninguém dá a menor importância ao poeta. Outros consideram o romancista inferior e colocam o dramaturgo em primeiro plano. Pode ser até que a minha poesia seja mesmo inferior, mas penso que o poeta Ariano Suassuna está no mesmo nível do dramaturgo e do romancista. A poesia é a tônica de tudo o que eu escrevo e como poeta sou completamente ignorado e inédito na minha cidade. (SUASSUNA *apud* NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 11)

Tal informação foi ainda destacada na dissertação de Mestrado *A morte, o feminino e o sagrado: uma leitura intersemiótica das iluminogravuras de Ariano Suassuna*, escrita por Ester Suassuna Simões (2016), neta de Ariano, que também faz alusão às recorrentes entrevistas concedidas pelo avô, nas quais ele afirmava ser a poesia a fonte de toda sua criação artística:

O texto literário, nas iluminogravuras<sup>1</sup>, é o poema. No universo particular de Suassuna, foi a poesia que serviu sempre de fonte e de base para toda a criação artística. Em muitas entrevistas e durante décadas, o escritor se declarou, antes de tudo, poeta, e lamentou o fato deste ser o aspecto de sua obra mais ignorado pelo público e pela crítica. Na verdade, o próprio Suassuna preferiu, a certo ponto, não publicar mais suas poesias, que passaram a integrar o conjunto do seu livro inédito. Ainda hoje, portanto, a poesia do escritor segue pouco publicada, pouco divulgada e, consequentemente, pouco lida. (SIMÕES, 2016, p. 22)

Suassuna não pode ser confundido com um escritor popular, equívoco que se resolve ao se analisar a hermeticidade de “Romance d’A Pedra do Reino” e dos poemas, negação explicitada, inclusive, por Newton Júnior (1999, p. 104): “Toda a obra de Ariano Suassuna – em literatura, teatro ou artes plásticas – é profundamente ligada às manifestações artísticas populares do Nordeste. O que não faz dele, em absoluto, um artista popular.”. Diante desse ponto de vista, fica evidente que os poemas de Suassuna guardam consigo a chave para a leitura das demais produções; quanto mais próximo conseguir chegar-se a eles, mais intimamente ligado se estará ao universo do escritor paraibano.

## 2. *Suassuna em verso e em prosa: a influência da lírica no primeiro romance*

Atendendo a essa recorrente afirmativa de Suassuna sobre a quase inexistência de estudos que valorizem, que tragam para cena seus poemas, busca-se transitar por alguns de seus textos líricos, produzidos des-

<sup>1</sup> Suassuna (2000b) define iluminogravuras como sendo o misto da iluminura medieval com os processos modernos de gravuras, o mesmo que pequenos desenhos feitos à mão.

de sua estreia como poeta com a publicação no *Jornal do Comércio* do poema “Noturno”, em 7 de outubro de 1945, até o ano de escrita de Fernando e Isaura; inclusive, é possível destacar que muitos desses textos chegaram a ser publicados em jornais e revistas ao longo dos anos.

Nesse período, compreendido por exatamente onze anos, visitam-se alguns poemas. O objetivo é identificar o que do texto poético de Suassuna teria influenciado a produção em prosa e, mais precisamente, “A história do amor de Fernando e Isaura”. É importante esclarecer que não se pretende, com essas análises, esgotar as interpretações possíveis aos poemas de Suassuna, porque o exame de tais produções não se restringe a um único intérprete e nem muito menos a alguns.

Tais poemas foram em sua maioria retirados do livro “Poemas” (1999), antologia que divide a produção poética de Suassuna em blocos: I – Pasto Incendiado (1945–1955), composto pelos livros: Livro I: “A Taça” (1945–1950) e Livro II: “O Pasto” (1950–1955); II – “Odes”; III – “Vida-Nova Brasileira”; IV – “Sonetos Iluminogravurados”; V – “Outros”. Nesta pesquisa, são analisados apenas poemas contidos no Bloco I – “Pasto Incendiado”, os quais compreendem poemas escritos entre 1945 e 1955.

A análise inicial dá-se, obviamente, pelo seu primeiro poema “Noturno”. Por essa época, Suassuna tinha 18 anos, e fazia apenas três que ele se havia mudado para o Recife. Porém, ele reconhece que várias vezes, assim como muitos escritores, abandonava constantemente a ideia de escrita pronta, acabada. Ele apresentava grande dificuldade em dar por concluído muitos dos seus escritos, o que é natural a todos aqueles que amam as palavras e as infandas que, juntas, elas podem trazer. Dessa forma, analisam-se aqui duas versões publicadas do primeiro poema, embora não se saiba se há mais alguma. Essa escolha ocorre porque se verifica que as duas versões, mesmo com várias mudanças de estrofação e conteúdo, continuam fiéis aos elementos passíveis de serem comparados com aqueles de “A história do amor de Fernando e Isaura”.

A busca por encontrar as influências dos poemas suassunianos enriquece, desse modo, os estudos, apresentando-se, então, as duas versões, sendo que a primeira aqui trazida foi republicada na edição do *Diário de Pernambuco*:

## NOTURNO [1945]

Têm para mim visões de um outro mundo  
 as noites luminosas, azuladas  
 quando a lua aparece mais bonita.  
 São idos sonhos, nossas mágoas santas  
 são fantasmas antigos, carinhosos,  
 que nesse mundo artístico e sem forma  
 realizam tudo que não fiz aqui.  
 Será que mais alguém os vê ou ouve?  
 Sinto o roçar de suas asas puras  
 e escuto as harmonias inefáveis  
 que ouvidas não se podem esquecer  
 Diluídos na branca luz da lua  
 a quem dirigem seus etéreos cantos?  
 Pressinto um vaporoso esvoejar:  
 passaram-me por cima da cabeça  
 e, como um halo de luz, envolveram-te;  
 eis-te de branco como uma visão mística  
 a ventania me agitando em torno  
 o perfume que sai dos seus cabelos.  
 Que vale a natureza sem teus olhos,  
 ó aquela a quem meu coração ama?  
 Da terra sai um cheiro bom de vida  
 e os nossos pés a ela estão ligados:  
 deixa que a tua escura cabeleira  
 alise levemente as minhas mãos.  
 Mas... não! A luz continua a envolver-te,  
 ventos fortes agitam todo o vale  
 e continua a ronda dos espíritos  
 – Ó meu amor, por que te ligo à morte? (SUASSUNA, 1994 b)

Em contato com a primeira versão publicada, observa-se a ausência no uso das palavras maiúsculas no meio dos versos. Tal característica aparece nos escritos posteriores de Suassuna, como se vê, inclusive, em “A história do amor de Fernando e Isaura”. No entanto, tem-se aqui, independente de algumas diferenças ou aprimoramentos que surgiram em escritos posteriores, o mesmo eu lírico, que talvez seja mais um *alter ego* do poeta que institui muitos dos temas que o mesmo Suassuna consolidou como seus ao longo da sua produção e, sobretudo, em “A história do amor de Fernando e Isaura”.

Alguns desses versos estabelecem certa relação com o poema e por toda a história contada pelo romance. Aderindo-se à milenar ideia de representar o todo pelas partes, tem-se: “Que vale a natureza sem teus olhos, ó aquela a quem meu coração ama?” – Essa natureza é personificada em “A história do amor de Fernando e Isaura” pela areia fina da praia, pelos pomos amarelos e vermelhos dos cajus ou pelos pingos sonolentos que caem das árvores. Todo esse inquestionável cenário de beleza

deixou de ser contemplado por Fernando, como também deixou de ser descrito por Suassuna, à medida que os amantes se separam. Na outra versão desse poema, é possível perceber alterações na escrita e na estrutura, frutos do amadurecimento do poeta, e dos inacabados finais que ele empregava aos seus escritos:

NOTURNO [1945–1952]

Têm para mim Chamados de outro mundo  
as Noites perigosas e queimadas,  
quando a Lua aparece mais vermelha.  
São turvos sonhos, Mágoas proibidas,  
são Ouropéis antigos e fantasmas  
que, nesse Mundo vivo e mais ardente  
consumam tudo o que desejo Aqui.

Será que mais Alguém os vê e escuta?  
Sinto o roçar das asas Amarelas  
e escuto essas Canções encantatórias  
que tento, em vão, de mim desapossar.

Diluídos na velha Luz da lua,  
a Quem dirigem seus terríveis cantos?

Pressinto um murmuroso esvoejar:  
passaram-me por cima da cabeça  
e, como um Halo escuso, te envolveram.  
Eis-te no fogo, como um Fruto ardente,  
a ventania me agitando em torno  
esse cheiro que sai de teus cabelos.

Que vale a natureza sem teus Olhos,  
ó Aquela por quem meu Sangue pulsa?

Da terra sai um cheiro bom de vida  
e nossos pés a Ela estão ligados.  
Deixa que teu cabelo, solto ao vento,  
abrase fundamente as minhas mãos...

Mas, não: a luz Escura inda te envolve,  
o vento encrespa as Águas dos dois rios  
e continua a ronda, o Som do fogo.

Ó meu amor, por que te ligo à Morte? (SUASSUNA, 1999, p. 33)

Como elemento primeiro da influência estabelecida por esse poema inaugural, é possível destacar a referência à morte, que também é presença constante entre os amantes alagoanos trazidos por Suassuna em “A história do amor de Fernando e Isaura”. O eu lírico assume aqui uma postura de desesperança diante de uma morte inevitável e próxima. Tal

desmotivação perante a vida é claramente encontrada nos protagonistas do primeiro romance de Suassuna, após eles não alcançarem nem a concretização, nem a permanência do amor. Em seguida às idas e vindas, que sempre resultavam na forçosa separação dos amantes, tanto Isaura quanto Fernando perdem toda estima pela vida, uma vez que não faz sentido aos dois continuar vivendo longe um do outro:

– Fernando! – chamou ainda Isaura, desesperada. Ia correr em seu encaço quando viu que Marcos se aproximava, felizmente sem nada ter notado. Dominou-se, então, e, corajosamente, como era de seu feitio, conseguiu ocultar a morte que levava dentro de si durante mais de uma hora, enquanto Marcos desfiava várias considerações sobre as chuvas que tardavam e sobre a colheita ameaçada pela demora. (SUASSUNA, 2006, p. 81)

A presença da morte acompanhou Fernando, mesmo ele mudando-se para outro local, porque, para ele, o deslocamento da Fazenda São Joaquim para Piranhas em nada atenuava a dor que a distância de Isaura lhe causava. Pelo contrário, ele tinha dentro do peito um cronômetro que o avisava regressivamente sobre o momento de morrer:

Enfim, tudo passa neste mundo e a vida, aos poucos, começou a se tornar menos intolerável para todos. Fernando embarcara para Piranhas, onde morava Teodomiro, o amigo a quem Marcos o recomendara. Ali ficou então o pobre rapaz, trabalhando na empresa daquele e sentindo, a cada instante, a morte no coração. (SUASSUNA, 2006, p. 135)

Certo exagero que se poderia vislumbrar nos versos do poema “Que vale a natureza sem teus Olhos, ó Aquela por quem meu Sangue pulsa?”, ilustraria com precisão uma suposta falta de sentido que Fernando e Isaura atribuíram às suas vidas quando separados um do outro. Por mais que Marcos tentasse agradá-la com o amor e a dedicação do bom marido que era, nada conseguia afastar de Isaura a apatia diante da distância de Fernando, seu verdadeiro amor. Fernando, por sua vez, vive os dias ao lado da esposa Isaura – a das Brancas Mãos, mas não consegue esquecer-se de Isaura, e, desde o afastamento definitivo entre eles, não enxerga mais nenhuma beleza na vida, nas pessoas e muito menos na natureza.

Na penúltima estrofe, “Mas, não: a luz Escura inda te envolve”, tem-se o jogo antitético que denuncia todo o emaranhado de conflitos e energias que prenunciam a morte. No verso final deste poema – “Ó meu amor, por que te ligo à Morte?” –, é possível imaginar que, desde sua escrita em 1945, Suassuna já desejava personificar essa morte entre alguns amantes futuros. A presença do trágico no início da vida literária levou Suassuna certamente a construir poeticamente essas personagens tristes e

melancólicas para as quais ele encontraria posteriormente as figuras lendárias de Tristão e Isolda substituídas, por ele, pelos amantes alagoanos.

Quanto mais se recorre à leitura dos poemas de Suassuna escritos na época que antecede o romance, mais se veem características que os ligam umbilicalmente ao romance em estudo. Observe-se mais este poema pregresso:

NA FLORESTA [1945–1948]  
Na floresta, Verde e quente,  
gotas de Luz penetraram-me por todos os lados,  
circulando com o Sangue rutilante.  
[...]Tomou-me a cabeça quente,  
que no colo aconchegou  
e, a Ventania passando,  
seu cabelo me roçou.  
Cabelos finos, cheirosos,  
os lábios de meu amor  
em cujos peitos macios *e em dois peitos bem*<sup>2</sup>  
minha Sede descansou. *a minha Dor*  
E o ar encheu-se de repente  
de sussurros cheirosos de Jasmineiro.  
Olhei em torno, mudo, surpreendido,  
e, eis que, boiando sobre aquilo tudo,  
um sopro de Harmonia e de Beleza  
passou pelas flores que luziam como Estrelas  
e deslizou pelos Troncos das árvores velhas.

[...] Mas onde está tudo isso? Era assim que eu falava?  
Era assim mesmo que eu via os contrarfortes  
do mundo, esse Castelo  
castanho, Negro, rubro e Amarelo?  
Não sei. Pois agora, de tudo, resta o Sangue,  
a memória da Sede, este Desejo  
e o Silvestre do Fruto, escuso e belo. (SUASSUNA, 1999, p. 37)

Nesse poema, assim como no todo da obra suassuniana, a natureza concorre em igualdade com as personagens. É possível encontrar, minuciosamente descritos, animais, em especial aqueles tipicamente nordestinos; uma vasta vegetação frondosa cuja copa também se apresenta serve por diversas vezes de abrigo aos amantes suassunianos. Assim co-

---

<sup>2</sup> Na Introdução do livro *Poemas*, há uma explicação quanto ao fato de terem sido mantidas, na publicação, algumas possíveis alterações do lado direito de alguns versos. A justificativa para tal fato é a de que, durante a transcrição do poema, foram mantidas todas as alterações manuscritas existentes no original datilografado por Suassuna. A transcrição considerou que esses manuscritos grafados ao lado de alguns versos, certamente, estariam expressando uma possível vontade do poeta em alterá-los. Mas, como ele não as tinha substituído definitivamente, optou-se pela sua preservação.

mo no poema, um dentre todos os momentos merece ser destacado no romance; seria justamente ao pé de um Jasmineiro que Isaura entrega sua virgindade a Fernando sob uma Lua que reflete os raios prateados:

Os raios da Lua passavam por entre a copa do Jasmineiro, salpicando o chão de manchas prateadas. Para Fernando, era quase inacreditável que tudo o que ele via e acariciava existisse: a harmonia, a graça, a flexibilidade e a maciez que havia nas espáduas dela, sob o tecido fino da camisola. (SUASSUNA, 2006, p. 57)

Por mais uma vez, é possível imaginar que Suassuna começou a produção de poemas talvez pensando nos amantes alagoanos e, com a possibilidade de transferência de gêneros textuais de que dispunha, ele já descrevera anteriormente, nos versos de “Na Floresta”.

#### NA FLORESTA

E o ar encheu-se de repente  
de sussurros cheirosos de Jasmineiro.  
Olhei em torno, mudo, surpreendido,  
e, eis que, boiando sobre aquilo tudo,  
um sopro de Harmonia e de Beleza  
passou pelas flores que luziam como Estrelas  
e deslizou pelos Troncos das árvores velhas.  
Minhas mãos, voluptuosas, erradias,  
acariciaram todo um corpo em flor.  
O vento balançou na Folhagem: era o chamado da vida.  
Penetrei, dominador, o Reino selvagem,  
a Papoula, a Rosa vermelha e áspera, *rubra*  
“Rosa, Rosa de amor, purpúrea e bela”. (SUASSUNA, 1999, p. 37)

Entre as vegetações, veem-se ainda algumas com flores ou frutos apetitosos expressos por cores precisas, capazes de referenciá-los à proximidade da colheita ou não, que ora parecem automaticamente substituírem-se entre si, como nos casos das papoulas vermelhas que se transmudam nos frutos amarelos e encarnados do Cajueiro ou das acácias, presentes no romance em estudo: “Em pouco, chegavam ao Riacho, cercado de pé de Pau d’Arco e de Acácias ainda floridas. Enxames de insetos zumbiam em torno das árvores cujos galhos, sem folhas, estavam, no entanto, pejados de flores” (SUASSUNA, 2006, p. 30).

Os fenômenos da natureza também aludem constantemente ao estado emocional das personagens, que se embalam pelas infundáveis tempestades, pelos ventos possantes ou pelas chuvas torrenciais, capazes até mesmo de aluir algumas embarcações. Mais uma vez, é possível apreciar-se menção ao Mar:

BEIRA-MAR [1946–1948]  
Na Praia silenciosa

a noite cavalga o vento.  
Ouvem-se apenas as Ondas  
num suave marulhar.  
Por que a lua é tão vermelha?  
A Morte canta cantigas,  
sangue rebrilha na Lua,  
Água e Aço à beira-mar.

[...] Um Mar de sangue e de morte  
rugia sob o Luar [...] (SUASSUNA, 1999, p. 35)

As ondas presentes nos versos acima estariam em qualquer lugar do mundo, ou em um Nordeste que se amplia para além do sertão. Essa constatação já era evidenciada antes de “A história do amor de Fernando e Isaura”. Em tal romance, Suassuna também descrevia as ondas revoltas das noites de inverno quando parecia que o mar invadia a casa de Marcos, e havia também aquelas que chegavam mansamente à praia sob o sol quando eram levemente cortadas pela “Estrela da Manhã”. Ou ainda em:

Tudo estava escrupulosamente limpo e bem cuidado, e Fernando sentiu-se bem, ali. Causava-lhe prazer o espetáculo das velas contra o céu azul, do Sol da manhã que aflorava mansamente as ondas e do suave marulho das águas quebrando-se, em seu ritmo eterno, contra a proa da Barcaça. (SUASSUNA, 2006, p. 34)

No poema “Beira-Mar”, Suassuna iniciou algum tipo de relação entre o eu lírico e as turbulências marítimas, aspecto também repetido no romance em foco. Lendo o poema ou o romance, é possível perceber que o mar, o vento e as ondas parecem movimentar-se espiritualmente, na mesma feição do estado emocional do eu lírico ou dos amantes:

Na verdade, a chuva amainava. Mas, na escuridão ainda reinante, agora com ruído dos trovões se afastava, Fernando começou a ouvir, com intervalos mais ou menos regulares, um barulho que lhe pareceu estranho, ameaçador mesmo. Começava com um sussurro; depois aumentava como uma metralha crescente; e, de súbito, explodia como se fosse o estalo de um imenso chicote.

– Que barulho é este? – perguntou ele.

– São as bombas de vento, olhe para ali! – indicou o Mestre; e, olhando para o local indicado, Fernando avistou uma espécie de outro Ridimunho com que o vento, espumando como um cavalo selvagem chicoteava a superfície do Mar. (SUASSUNA, 2006, p. 37)

A cena descrita acima se apresenta no romance, no capítulo “A viagem”, que retrata a partida de Fernando rumo a São Miguel, local onde ele representaria o tio Marcos no casamento por procuração com Isaura. Antes de descrever esses ventos arredios da citação acima, Suassuna

relata que, nesse momento da viagem, o sangue e o peito de Fernando cantam com estranheza. É como se a intuição de Fernando o avisasse de que o Mar, os ventos e muitas outras coisas da sua vida nunca mais se restabeleceriam de igual forma, desde essa partida.

Nas análises sobre a influência que a lírica de Suassuna desempenhou na prosa, é possível perceber com o poema “A faca” a hora da morte, seja de João Suassuna, seja de Isaura. A faca referida aqui pode ser lida como o tiro pelas costas que fez sucumbir, em plena avenida carioca, o pai de Suassuna, ou o punhal de cabo de prata que Suassuna pediu emprestado à Cecília Meireles e o entregou à Isaura para que ela perfurasse seus delicados seios, fazendo com que seu belo corpo sucumbisse à morte.

FACA [1947]

Entre a Faca e o Muro frio  
sem palavras se quedou.  
Lembranças corriam Rápidas:  
vozes alegres, Perdidas,  
numa já Distante infância.

Rostos e Mãos, à distância,  
Surgiam em sua Vista  
fascinada pela Faca.

E tudo foi um Momento:  
ao Sol, um risco de Prata,  
um baque surdo, um Gemido,  
e a vida, em Sangue jorrada. (SUASSUNA, 1999, p. 45)

Esse caráter correlacionado entre a produção lírica e as demais produções de Suassuna não se esgota, sendo possível visualizar em mais uma análise a qual corrobora com essa perspectiva, para tanto toma-se desta vez o poema produzido pouco antes de “A história do amor de Fernando e Isaura”.

A UMA DAMA TRANSITÓRIA [1953]

Deixa a cabeça em meu peito  
enquanto o Sol agoniza:  
longe, na tarde Dourada,  
ouço-te a Voz desvelada,  
antiga, forte, Indivisa.

Tempo e fortuna passaram,  
passaram Sede e saudade:  
deixa a cabeça em meu peito  
que teu Cabelo desfeito  
canta a Vida e a brevidade.

Um dia terei passado  
e Tu passarás também:  
mas, antes, um outro Peito,  
talvez sem tanto proveito,  
guarde o que o meu hoje tem.  
Que seja, pois: vida é Fruto,  
morte, Sol, sono e Suspeita.  
E eu te quero como à Vida  
doce e cruel - sem Medida  
na sua Glória imperfeita. (SUASSUNA, 1999, p. 125)

O título “A uma dama transitória” traria indícios do que Isaura representaria, posteriormente, na vida de Fernando. O peito de Fernando, assim como o do eu lírico, era também o porto seguro para a cabeça de Isaura, e a certeza do afastamento seguido por outro compromisso amoroso também já povoava a cabeça de Suassuna, para o que se concretizaria com a separação de Fernando e Isaura.

### **3. Considerações finais**

Indiscutivelmente, fica evidenciada a relação que os poemas apresentam para o todo da obra de Suassuna e, de algum modo, há a possibilidade de se considerar “A história do amor de Fernando e Isaura” como armorial, o que desbanca a primazia do “Romance d’a Pedra do Reino”. O recorte de 1945 a 1956 realizado nas poesias de Suassuna, para esse estudo, refere-se ao período que também coincide com a fase embrionária do Movimento Armorial.

O ano de 1956, quando Suassuna estava diretamente envolvido com o processo de criação desse Movimento tão significativo para cultura popular nordestina e brasileira, foi também o ano de escritura de “A história do amor de Fernando e Isaura”. Aglutinam-se um período, uma obra e um movimento, elementos capazes de confirmar a universalidade de Ariano Suassuna, de sua importante produção e a presença indissociável da poesia em toda a sua obra.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ANJOS JÚNIOR, M. T. R. Desmanche de Bordas: notas sobre identidade cultural no Nordeste do Brasil. In: HOLLANDA, Heloísa B. de; RESENDE, Beatriz (Org.). *Artelatina: cultura, globalização e identidades cosmopolitas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 45-59

BARBOSA, Lourenço da Fonseca [Capiba]. *O livro das ocorrências*. Recife: Fundarpe, 1985.

CARVALHAL, Tânia Franco. O reforço teórico. In: \_\_\_\_\_. *Literatura comparada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 45-74

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

HOMEM, Sêlenio. Cúmplices na emoção [Reportagem]. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 out. 1994. (Caderno Especial)

MEIRELES, Cecília. Viagem. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. 3. ed. São Paulo: Nova Aguillar, 1985. p. 79-140

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna*. Recife: UFPE, 1999.

\_\_\_\_\_. O pasto iluminado ou a sagração do poeta brasileiro desconhecido. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 10, p. 129-146, nov. 2000.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: SUASSUNA, Ariano. *Almanaque Armorial*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 07-13.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: SUASSUNA, A. *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 17-24

RODRIGUES, Daniella Carneiro Libânio. *A arte segundo Ariano Suassuna: a intermedialidade e a poética armorial*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. 114f.

SALAZAR, Jussara Farias de Mattos. *Ariano Suassuna e o Fausto em cena: uma travessia nos jardins do diabo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 169f.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. O decifrador de brasilidades. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 10, p. 94-110, nov.2000.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto, Portugal: Porto, 2001.

SIMÕES, Ester Suassuna. *A morte, o feminino e o sagrado: uma leitura intersemiótica das iluminogravuras de Ariano Suassuna*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. 167f.

SOUZA, Camila. *Um Capiba de todos os ritmos*. 2014. Disponível em: [http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/viver/2014/01/19/interna\\_viver,78211/um-capiba-de-todos-os-ritmos.shtml](http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/viver/2014/01/19/interna_viver,78211/um-capiba-de-todos-os-ritmos.shtml). Acesso em: 5 jan. 2018.

SUASSUNA, Ariano. *A história do amor de Fernando e Isaura*. Recife: Edições Bagaço, 1994 a.

\_\_\_\_\_. *A história do amor de Fernando e Isaura*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Almanaque Armorial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SUASSUNA, Ariano. Conversa com Jussara Salazar [Entrevista]. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 61, p. 5-12, jul. 2000b.

\_\_\_\_\_. *Poemas*. Seleção, organização e notas de Carlos Newton Júnior. Recife: UFPE, 1999.

\_\_\_\_\_. *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

\_\_\_\_\_. *Romance d' a Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 a.

\_\_\_\_\_. Trégua na primavera [Entrevista]. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 out. 1994b. (Caderno Viver)

\_\_\_\_\_. Trégua na primavera [Entrevista]. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 out. 1994 c. (Caderno Especial)

WISNIK, José Miguel. A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda. In: NOVAES, A. (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 195-227